

Cresce desigualdade educacional

Educação

Washington — Ao contrário de outras regiões do mundo, o envelhecimento da população na América Latina não está contribuindo para diminuir a desigualdade social, que vai piorar nas próximas décadas, prevêem Suzanne Duryea e Miguel Székely, em estudo do BID. A causa é a diferença que se acentua entre os que têm mais acesso à educação e as pessoas com pouca instrução. Melhorar a educação hoje é a principal política para atenuar os efeitos demográficos amanhã, dizem os dois economistas.

O problema, segundo eles, é decidir se os investimentos devem privilegiar as gerações jovens ou as pessoas mais velhas, que já estão no mercado de trabalho. Ou, por outro lado, cobrar mais impostos dos melhor educados, se a questão for de natureza fiscal. Outra dúvida é sobre o tipo de

educação em que os países deveriam investir: "Parece uma contradição que os maiores retornos venham do nível superior, mas ao mesmo tempo a maior parte das crianças sai da escola antes de completar o secundário. Nesse caso, um objetivo importante de longo prazo é aumentar os índices de matrícula nas universidades, o que somente será possível quando se eliminarem os gargalos nos níveis primário e secundário", ponderam os autores.

O desafio é dar os incentivos corretos para que as crianças permaneçam na escola. Esse é o único jeito de aumentar a probabilidade de que elas continuarão a estudar e terão acesso a melhores salários, associados com maior grau de escolaridade.

Nas primeiras décadas do próximo século, o grupo de pessoas na faixa de 19 anos ou mais vai aumentar em re-

lação aos dependentes do sistema de previdência social. Essa mudança demográfica na América Latina representa "uma janela de oportunidade" que a região precisa aproveitar.

(M. H. T.)